

A dor de Geni. Por Juliana Fernandes Gontijo.

- Um remédio para dor.
- Não vendemos medicamento sem receita, senhora.
- Por favor, moço, a minha barriga dói.
- Sinto muito senhora, não vai ser possível.
- Tá querendo me dizer que eu tenho que ir ao médico e só depois comprar um remédio para dor de barriga?
- Sim.
- Eu não posso.
- Como não?
- Já falei, eu não posso ir ao médico.
- A senhora não tem dinheiro?
- Também.
- Não pode ir ao médico, porque não tem dinheiro?
- Sim.
- Não seja por isso, tem uma UPA logo abaixo, no próximo quarteirão.
- Eu não posso ir à UPA.
- Por que não?
- Tá! Já fui e eles não me atenderam. Disse que não podiam me atender, porque não tenho documento.
- Como a senhora se chama?
- Eu não chamo... Bem, as pessoas me chamam de Geni.
- Então, Dona Geni, a UPA não pode negar atendimento, isso é crime.
- Não pode? Então eles vão ter que atender!
- Sim, claro! Volte lá e diga que não podem te negar atendimento.

Meia hora depois, Geni volta.

- E então? A senhora trouxe a receita?
- Que receita?
- Para comprar o remédio.
- Eles não me deram receita.
- Como não?
- Falaram que eu não tenho coisa alguma.
- A senhora está ou não com dor de barriga?
- Já falei, minha barriga dói bem aqui, ó! — Disse apontando com a mão.
- E quem te atendeu? Eu conheço todos os médicos de lá.
- Só cheguei até a recepção.
- Tem alguma coisa errada. Pelo número do CPF, a senhora tem que ser atendida.
- CP... o quê?
- C. P. F. Cadastro de Pessoa Física.
- Eu não tenho isso não, moço.
- E um RG, Carteira de Identidade, a senhora tem quer ter.
- Não tenho carteira de identidade e esse trem de RG eu não sei o que é não.
- De onde a senhora é?
- A única coisa que eu me lembro foi de andar numa estrada velha que tem do outro lado da cidade.
- Veio como? Carro, caminhão...
- Acho que foi de ônibus.

- Não tem que achar! Ou foi de ônibus, ou não foi!
- A minha barriga dói moço! Por favor, um remédio!
- Eu não posso, senhora, é contra a lei. Eu preciso de um documento seu.
- Mas e se eu morrer?
- A senhora não vai morrer, só por uma dor de barriga. A não ser que...
- Que o quê?
- Deixa para lá. A senhora vai ficar bem.
- Eu acho que desci de um ônibus. Eu só tinha uma sacola com um paletó, duas bananas e uma garrafa d'água.
- E veio de onde?
- Eu não sei.
- Quantos anos? É casada? Trabalha?
- Não sei quantos anos eu tenho. Opa! Quantos anos você acha que eu tenho?
- Como eu vou saber, senhora?
- Pela minha cara!
- Estamos em um mundo em que não podemos mais “chutar” a idade das pessoas, pelo visual. Eu posso cometer etarismo.
- Eta... o quê?
- Esquece! Não faço a menor ideia da idade da senhora.
- Eu também não!
- Qual é o seu sobrenome, pelo menos? Geni de quê? Souza, Silva, Santos, Andrade...
- Eu não sei, moço. Não insista!

O gerente da farmácia começou a achar estranha aquela conversa entre Hélio, o vendedor, e Geni. Tentou interferir, mas o homem cortou logo:

- Seu Lucas, está tudo bem. Já expliquei a ela que não podemos vender um medicamento sem receita.

Ele não se deu por vencido e discretamente resolveu ligar para um policial que sempre fazia ronda na praça onde ficava a drogaria.

O PM demorou cerca de 40 minutos para chegar ao local:

- Bom dia! Algum problema, Hélio?

Geni, quando viu o policial, ficou mais branca que neve:

- Eu preciso ir... Vou tentar ser atendida nessa tal de UPA, porque já vi que não vão me vender remédio.

O policial percebeu a atitude estranha da mulher:

- Não tenha medo. Qual é o nome da senhora?
- Não... Não... Preciso ir.

A mulher saiu apressada. Os três ficaram se entreolhando no recinto e o policial começou a mexer no celular em busca de alguma explicação para aquela tal Geni. Nome pouco comum.

Alguns minutos depois, um alvoroço na esquina da praça. E um transeunte chegou perto do policial:

— Aquela senhora que estava aqui na drogaria está caída na calçada. Parece um desmaio.

O PM correu ao local e realmente era “Geni” estendida no chão com a mão na barriga. Uma roda de gente já observava o fato. Ele pediu que as pessoas se afastassem e, ao tocar no braço da mulher em busca do pulso, percebeu algo estranho em seu abdome. Ele levantou a blusa e qual a sua surpresa: era um grave ferimento à bala. Estranho, não sangrava. Na certa, não era um ferimento daquele dia.

Tudo se encaixava. A mulher escondia algo muito grave. Realmente ela não portava documento algum e precisava urgente de atendimento médico. Felizmente, Hélio não vendeu medicamentos à mulher. O SAMU foi chamado e, em poucos minutos, chegou ao local. Ele pediu ao rapaz que avisara sobre a queda de Geni para contar o fato na farmácia:

— Ei, você! Avise na farmácia o que aconteceu aqui. Eu dou notícias depois.

Assim foi feito. Era um gravíssimo ferimento à bala com uma hemorragia interna no intestino, segundo o paramédico do SAMU. Dentro da ambulância, o militar retomou a busca por Geni para tentar levantar uma provável ficha criminal. Fez alguns contatos e encontrou, por meio do reconhecimento facial, a personagem desta história. A mulher tinha uma cicatriz profunda perto da orelha esquerda, isso facilitara a busca. A ficha estava limpa:

Geni Amâncio dos Reis, 38 anos, professora, natural de "Passa e Fica" no interior do Rio Grande do Norte. Ela, porém, morava em "Ponto Chique", uma pequena cidade mineira. Fugia do marido alcoólatra que lhe dera um tiro na barriga após uma briga em casa. O trauma fez com que ela perdesse a memória, motivo provável de não portar documentos para Belo Horizonte. Infelizmente, além do tiro, um estresse pós-traumático.

Era preciso urgentemente correr atrás do agressor no interior mineiro e, imprescindível, tentar salvar a vida de mais uma mulher vítima de violência doméstica. O PM deu a entrada da professora no Hospital de Pronto Socorro. Ela foi direto para a sala de cirurgia. Era o que ele podia fazer naquele momento e rezar, para que Geni Amâncio tivesse um final feliz.
